

**AS RELAÇÕES NO ESPAÇO-TEMPO VIRTUAL
PRESENTES NAS ÚLTIMAS HORAS DE CELSO KALLARRARI²⁶**

Alessandro de Oliveira Neres (UNEB/FASB/UNIMES)
alessandro_neres@yahoo.com.br

**Ninguém mais coloca cadeiras na calçada
ou toma a fresca da tarde,
mas temos máquinas velocíssimas
que nos dispensam de pensar.**

(Afonso Romano de Sant'Anna)

RESUMO

Este artigo pretende discutir as relações interpessoais do homem contemporâneo, sob a égide da comunicação via redes sociais, levando em consideração o tempo e espaço virtuais como elementos significativos na mudança comportamental entre as pessoas no mundo atual na poesia de Celso Kallarrari. A interação virtual, a partir de sua configuração textual, apresenta-se como uma nova configuração nas relações interpessoais, no convívio social e na troca de experiências e sentimentos. Sua crítica, portanto, se constrói na dialética conflitante entre duas realidades: a virtual e atual, as metanarrativas e sua desconstrução, vivendo num ambiente virtual uma realidade que, na maioria das vezes, diverge de suas ínfimas convicções. Todavia, no processo interacional das relações “virtuais”, o poeta sente-se, às vezes, frustrado, desconcertado, temeroso e resistente e crítico diante da nova tecnologia, mas, ao mesmo tempo, nessa luta entre máquina e humano, entre virtual e atual, compreendido como um processo ontológico de virtualização, rende-se ao novo, isto é, ao seu irresistível encanto.

Palavras-chave:

Relações interpessoais. Realidade virtual. Comportamento. Redes sociais.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações de espaço-tempo presente em alguns poemas *d'As Últimas Horas*, de Celso Kallarrari. A partir de uma crítica às novas tecnologias, o poeta em sua luta entre homem e máquina e, conseqüentemente, entre real e virtual, versa sobre a mudança dos hábitos das pessoas, ou pelo menos a tentativa de mudança dos mesmos diante das relações virtuais/interpessoais, estabelecidas pela

²⁶ Trabalho apresentado, em outra versão, na Faculdade do Sul da Bahia – FASB, como requisitos de avaliação das disciplinas Crítica Literária e Poesia Moderna e Contemporânea do curso de pós-graduação *lato sensu* de seu Núcleo de Pesquisa e Extensão.

dualidade do espaço-tempo modificados que a internet oferece. Essas condições afetam significativamente nossas relações interpessoais.

Para que possamos associar, de modo análogo, o presente trabalho ao campo da literatura que é, de fato, um dos objetivos propostos para este trabalho, é importante destacar o que discorre Lucas (2009, p. 33) sobre as características do texto literário, qual seja: “o texto literário produz um efeito de realidade e um efeito de fantasia, de modo simultâneo. É um apelo ao leitor, um desejo e realiza-se enquanto leitura”. Nesse sentido, a poesia de Kallarrari torna-se campo fecundo, onde podemos encontrar um misto de realidade e fantasia, e um profundo desejo do poeta em fazer com que o leitor passe a adotar uma nova postura diferente depois da leitura, a exemplo do poema “Como dói viver” (*A Porta Remendada*, 2003) que nos leva a uma reflexão sobre nossas atitudes cotidianas.

Nessa nova configuração antropológica, onde o tempo-espaço são constituintes imprescindíveis da nova relação de homem e máquina, deparamo-nos num *continuum* processo de hominização ou virtualização? Diante desse questionamento, qual o posicionamento do eu lírico diante das mudanças e configurações das relações interpessoais/virtuais? O espaço virtual pode corroborar para o isolamento e individualismo das pessoas? Quais são as críticas apontadas pelo poeta? Nessa luta entre as antigas metanarrativas e as suas desconstruções, entre o real e o virtual, entre o aqui e acolá, qual o posicionamento do poeta? Diante das novas tecnologias comunicacionais, é possível nadar contra a correnteza?

2. O tempo e o espaço no mundo virtual

Quando falamos de tempo e espaço no âmbito do termo virtual, a primeira coisa que nos vem à mente é o fato de que com o advento da internet, o tempo e o espaço já não são mais os mesmos. Não se pode negar que a internet redefiniu essas duas instâncias enquanto ferramenta importante de disseminação do conhecimento e, porque não dizer, da construção do conhecimento na sociedade pós-moderna, além de contribuir para que pessoas de diferentes regiões do planeta sejam capazes de permanecer interconectadas umas com as outras numa grande aldeia global. Sobre esse aspecto, Hall (2011, p. 67) afirma que “os processos de globalização atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando em realidade e em experiência, mais interconectado”. O que se percebe então é que, o espaço-tempo não mais se resume e se anula entre fronteiras geo-

gráficas e culturais, mas busca fazer com que as pessoas troquem experiências com pessoas de diferentes interesses, devido ao encurtamento das distâncias.

Ainda segundo Hall (2011), o rompimento dessas fronteiras têm gerado distorções no conceito de identidade, haja vista que a transposição das barreiras físicas permite que as pessoas possam conhecer e absorver culturas diferentes, pois, segundo ele, “as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente”.

Percebe-se que, até mesmo o conceito de modernidade tem sofrido alteração devido a questão tempo-espço. Giddens, por exemplo, postula que “a modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão ‘ausentes’, distantes (em termos de local), de qualquer interação face a face” (*apud* HALL, 2011, p. 72). Desse modo, podemos notar a forte influência que os relacionamentos virtuais têm exercido sobre o conceito de modernidade e contemporaneidade.

Ainda nesse sentido, é válido tratar a questão do que é virtual e real e o que é virtual e atual, uma vez que há diferentes entendimentos. Para Lévy,

A palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização (LÉVY, 2001, p. 15).

O que se pode de fato notar é que o virtual e o atual, apontado por Lévy, pode ser interpretado como real e virtual do senso comum. Isso implica dizer que o conceito de virtual se aplica aos usuários das redes sociais que buscam através desse espaço específico viver uma realidade diferente da sua (atual), o que para Lévy é colocado como o desejo de realizar algo que reside nos recônditos da mente humana, sendo que o “terás” ilustra essa busca incessante pela realização dessas vontades.

Desse modo, Kallarrari demonstra, em alguns dos poemas contidos na *As Últimas Horas* (2009), uma descrição da sociedade contemporânea, isto é, uma crítica dos seus males (medo, angústia, solidão etc.) e dos seus aparatos tecnológicos (internet e suas ferramentas) bastante presentes no tempo-espço humano, cujas influências possibilitam uma nova

postura frente às relações humanas. Ao adotar tal temática, o poeta insere sua obra nos moldes das obras de cunho sociológico da literatura, pois, segundo Tadié,

A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público que, ele também, promove a literatura, dos estatísticos à teoria da recepção (1992, p. 163).

Assim, é possível perceber na poesia de Kallarrari o desejo latente em denunciar, por um lado, alguns dos dilemas vividos pelo homem contemporâneo no tocante à sua maneira de se relacionar com seu semelhante; e, por outro, da dificuldade em se construir, no mundo em que vive, sua identidade, pois ainda segundo Tadié, “o escritor de talento é, no entanto, aquele que só tem necessidade de exprimir suas intuições e seus sentimentos para dizer, ao mesmo tempo, o que é essencial à sua época e às transformações por que passa” (1992, p. 174).

O que podemos perceber é que os costumes de outrora, bem como os valores tidos até então como referência de uma convivência harmoniosa em sociedade, foram se perdendo à medida que o homem passou a valorizar mais o consumo, tornando-se assim um ser por vezes vazio, cheio de medos e rancores. Sobre esse aspecto Bauman (2007, p. 32) postula que “O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e os alimentam”. Essas duas realidades (atual e virtual) se configuram diferentemente, pois, segundo Sant’Anna, “Ninguém mais coloca cadeiras na calçada ou toma a fresca da tarde, mas temos máquinas velocíssimas que nos dispensam de pensar” (1998, faixa 02).

De forma análoga, no poema “O tempo urge”, do primeiro livro *A Porta Remendada* (2003) de Celso Kallarrari, é possível perceber a preocupação do autor com a questão do tempo em relação ao amor e às coisas relacionadas à vida, ao cotidiano. Para tanto, não se detém ao fato de que o tempo continua sendo o senhor da razão, mas sinaliza uma profunda reflexão a respeito do que estamos fazendo com tempo em relação ao modo como nos relacionamos uns com os outros, sobretudo no tocante à frieza imposta pelos relacionamentos virtuais. Conforme Kallarrari (2003, p. 57),

O tempo passa e eu não posso passar sem amar.
Amar as pessoas, o ar, o horizonte.

Amar a singeleza, o fosco, o rude e o nobre.
O amor, como loucura dos insensatos,
É muito mais forte que a morte.
O amor, razão explicável, não revela
a pureza da morte e da vida

(*A Porta Remendada*, 2003, p. 109)

O medo tem sido sem sombra de dúvidas um dos grandes responsáveis pelo isolamento do homem contemporâneo. Por causa dele, as pessoas têm tomado medidas para se protegerem de situações que as mesmas julgam ser capazes de alterar consideravelmente suas vidas. Essa preocupação já está presente no primeiro livro *A Porta Remendada* (2003) de Celso Kallarrari, no poema “No cume mais alta da montanha”, apresenta um mundo moderno confuso, “Sem verdades e incertezas quando o nosso território é uma selva pós-moderna” (*A Porta Remendada*, 2003, p. 154). O medo pode usar várias máscaras, dentre elas: o medo gerado pela crescente onda de violência e o medo do fracasso, seja ele na esfera afetiva ou profissional. De acordo com o poeta, nos tempos modernos “(...) o cantor não cantará em tua porta. Não terás um homem dedilhando a sua viola,” (*A Porta Remendada*). Desse modo, o mundo virtual nos conecta a outro tempo e espaço que difere do nosso tempo e espaço atual. Todavia, conforme pudemos apreender da poesia de Kallarrari é que algumas pessoas optam por levar vidas superficiais, mergulhando profundamente nos abismos dos relacionamentos virtuais. Por outro lado, cada vez mais, a internet torna-se, dentre as novas tecnologias, indispensável para pessoas que buscam transformar a superficialidade destes relacionamentos em uma realidade que atenda aos seus anseios. O que fazer diante dessa situação? Há como se isolar? Manter-se ileso?

As pessoas encontraram no espaço virtual da internet, sobretudo nas redes de relacionamentos sociais, a ferramenta necessária para fomentar este novo estilo de vida, diante das angústias do mundo moderno. No mundo contemporâneo, as pessoas vêm perdendo a segurança e até o interesse em estabelecer contatos ou relações que as obriguem a estar em contato com outrem, ora porque, algumas vezes, não tem mais paciência para tolerar as reações de seus interlocutores, ou seja, se gostam ou não da conversa, ou do tipo de abordagem escolhida, o que pode facilmente ser percebido pelas reações faciais do locutário, ora por não sentir mais à vontade conversando face a face. Tal situação pode ser percebida quando analisamos o excerto do poema de Sant’Anna que relata alguns dos hábitos que foram se perdendo à medida que o homem contemporâneo pas-

sou a se relacionar mais através dos *sites* de relacionamento.

Ninguém mais coloca cadeiras na calçada
ou toma a fresca da tarde,
mas temos máquinas velocíssimas
que nos dispensam de pensar.

(Afonso Romano de Sant'Anna)

Aqui, o tempo e o espaço no processo de diálogo tradicional, do sentar-se fisicamente juntos contrariam o tempo e o espaço no diálogo virtual oferecidos pelas “máquinas velocíssimas”. Nesse sentido, Halbwachs afirma que

A noção de um tempo universal, que envolve todas as existências, todas as sucessivas séries de fenômenos, se resumiria em uma sequência descontínua de momentos. Cada um deles corresponderia a uma relação estabelecida entre muitos pensamentos individuais, que dela tomariam consciência simultaneamente (2006, p. 118).

De fato, a nosso ver, esse é o ponto mais relevante a ser observado na carta. As pessoas não adotam mais velhos costumes. Com o passar dos anos, a prioridade da maioria das pessoas passou a ser a aquisição e o acúmulo de bens materiais, tornando-as cada vez mais individualistas. Para o homem contemporâneo, o simples e corriqueiro ato de parar para conversar, se não for algo de interesse ou que gere algum tipo de satisfação para si, torna-se algo inconcebível, haja vista que num mundo cada vez mais globalizado, nunca o clichê “Tempo é dinheiro” fez tanto sentido.

A internet, por sua vez, com o advento das redes sociais se tornou ferramenta indispensável para que o homem moderno, antenado, e, porque não dizer, conectado às novas tecnologias, seja capaz de se comunicar, sem se preocupar com o tempo despendido em uma conversa, já que o mesmo pode deixar mensagens que podem ser lidas e respondidas a qualquer momento, sem gerar a expectativa de resposta de uma conversa frente a frente. A esse respeito Bauman (2005, p. 76) adverte que

(...) nós usamos nossos celulares para bater papo e enviar mensagens, de modo que possamos sentir permanentemente o conforto de “estar em contato” sem os desconfortos que o verdadeiro “contato” reserva. Substituímos os poucos relacionamentos profundos por uma profusão de contatos pouco consistentes e superficiais.

Ainda nessa mesma perspectiva Hargreaves (*apud* BAUMAN, 2005, p. 101) afirma que “Expostos aos contatos facilitados pela tecnologia eletrônica, perdemos a habilidade de nos engajar nas relações espon-

tâneas com pessoas reais. Na verdade, para uma grande maioria de pessoas, o primeiro contato tradicional ainda pode ser um grande empecilho no processo de relacionamento interpessoal e a interação através da internet pode ser uma grande saída para aqueles que, na contemporaneidade, procuram se isolar. Por conseguinte, o que podemos notar é que as pessoas que têm acesso à comunicação *via* redes sociais, tem se preocupado dia-a-dia em aumentar o número de contatos no espaço-tempo virtual, diminuindo drasticamente, sempre que possível, o encontro como esses mesmos amigos do espaço-tempo atual.

O que é facilmente perceptível é que, nessa época em que os encontros face a face têm sido substituídos por encontros virtuais, especialmente via redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Orkut*, *Msn* entre outros, percebemos que até mesmo situações triviais como o tão aguardado dia de nosso aniversário que, até pouco tempo, era uma data em que as pessoas ansiavam por receber cumprimentos e, em alguns casos, presentes para celebrar seu nascimento, tem perdido sua essência/presença atual devido ao forte apelo que esses *sites* exercem sobre seus usuários.

Diferentemente da esposa de Ulisses, personagem da epopeia grega a *Odisseia*, que esperava seu esposo, dia após dia, com determinação e fé inquestionáveis, as pessoas hoje em dia têm priorizado a verificação de cinco em cinco minutos, e, em alguns casos até menos, nas suas páginas e/ou contas nos *sites* de relacionamento, se seus “amigos” deixaram alguma mensagem ou recado, felicitando-as por seu aniversário.

O mais impressionante é que algumas pessoas que aguardam as referidas mensagens de felicitação são aquelas com as quais convivemos diariamente: amigos, familiares e companheiros de trabalho que, na grande maioria, têm preferido o distanciamento, frio e seguro a calorosos abraços ou qualquer outra manifestação de afeto. Sobre esse aspecto, Negroponte (1995, p. 159) afirma que

O encontro de estranhos um evento sem passado. Frequentemente é também um evento sem futuro (o esperado é que não tenha futuro) uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião.

Desse modo, por mais que as pessoas se sintam seguras em adotar tais medidas, elas assim como o *placebo*, não surtem nenhum efeito. É extremamente tênue e efêmera a satisfação e o bem-estar proporcionados pelos relacionamentos virtuais. A nosso ver por mais que se busque esse distanciamento a título de conforto, comodismo ou medo, tais relações

estão fadadas a se tornar insustentáveis, pois o ser humano é, essencialmente, social. Buscamos nos tornar cada dia mais preparados para lidar com os desafios da brutal concorrência gerada pelo mudo globalizado, e nos esquecemos de que para chegar ao patamar que estamos hoje, no passado (início da era do homem sobre a terra) tivemos que nos unir e confiar uns nos outros para que pudéssemos sobreviver.

Obviamente que as dificuldades do mundo moderno não são as mesmas enfrentadas por nossos antepassados, mas não seria o momento de pararmos, diante das transformações sociais, para refletir no que estamos nos tornando. Sobre esse aspecto James *apud* Bauman (2005, p. 99) aponta que “Você pode acabar envenenado por uma constante sensação de que faltam outras pessoas em sua vida, com sentimento de vazio e solidão semelhantes ao de privação”. De acordo com o autor, podemos temer eternamente ser abonado por parceiros amorosos e amigos.

É justamente esse sentimento de vazio, de solidão que tem feito com que as redes de relacionamento virtuais ocupem o tempo-espaço na vida de um grande número de pessoas. A angústia gerada pelo medo de ser abandonado ou não correspondido no campo afetivo faz com que muitas pessoas optem por se dedicarem mais aos relacionamentos que não exijam tanto delas, mas que, ao mesmo tempo possam lhes proporcionar conforto e segurança, além de afastar o fantasma da solidão. No entanto, a mesma segurança e conforto logrados pelos relacionamentos virtuais são fruto das chamadas mídias de massa que não fariam tanto sucesso se não fosse o crescente desejo do homem contemporâneo em se isolar e, na maioria das vezes, permanecer passivo, isolado e no anonimato. Sobre isso Lévy (1999, p. 239) postula: “Chamo mídias de massa os dispositivos de comunicação que difundem uma informação organizada e programada a partir de um centro, em direção a um grande número de receptores anônimos, passivos e isolados uns dos outros”.

Muitas vezes, essa passividade e esse anonimato são responsáveis por encorajar pessoas que se sentem infelizes e desacreditadas nas relações convencionais a mergulhar, sem senso crítico nenhum, na “rede” em busca de algo que as complete e, que mesmo momentaneamente, produza algo lhes proporcione segurança, nesse universo de indivíduos que, ao mesmo tempo, existem e se anulam diante da frieza e insensibilidade modernas.

3. *Análise de alguns poemas do livro As Últimas Horas*

Na análise do livro *As Últimas Horas*, de Celso Kallarrari, buscamos identificar elementos críticos do dualismo entre o espaço-tempo e, conseqüentemente, entre homem-máquina, atual-real, céu-inferno, ordem-desordem presentes em sua poética. Em seu primeiro livro *A Porta Remendada* (2003), já se observa a preocupação do poeta com as questões atuais, principalmente da primeira década do século XXI.

De acordo com Valci Vieira dos Santos (2003, p. 97), “Kallarrari compõe uma poesia moderna, de ordem religiosa e, porque não dizer, psicológica (interpessoal e intrapessoal), pois contextualizada e contestadora, nos mostra o mundo atual, com seus dramas e mistérios, na modernidade e pós-modernidade, numa linguagem religiosa e profética [...]”. Desse modo, os dramas e mistérios, bem como as questões de ordem psicológica sinalizados em seus poemas revelam preocupações com temáticas e questões atuais da modernidade que a literatura tão bem busca descrever.

Em *As Últimas Horas*, publicado em 2009, a preocupação com o tempo e o espaço, ao lado da questão religiosa, volta a ser discutida, tornando-se ponto fulcral constante em seus poemas. Para nós, interessados, de modo especial, investigar a relação entre espaço-tempo atual com espaço-tempo virtual do mundo da tecnologia, da informática, do computador. A tecitura textual de *As Últimas Horas* apresenta, às vezes, mascaradamente, outras de forma clara, a temática acerca do relacionamento homem e máquina, no tempo-espaço atual ou do tempo-espaço virtual, a escrita nos papiros ou na internet do espaço-tempo virtual, marcados, essencialmente, pela solidão e resistência e, enfim, assimilação do novo. No poema “Vírgulas”, marcadamente isento de pontuações e de algumas normas gramaticais, mostra-se certa liberdade na escrita da internet. Neste poema, podemos perceber que o receio/medo do poeta é de que

A palavra e a imagem vão acabar com as histórias dos livros
O verbo quer ser arrancado das folhas dos papiros que os aprisionam e os
[detém [...]]

Ela [a palavra] não quer ser mais escrita redigida
Quer ter alma virtual e vontade própria
Sair de sua prisão libertar-se viver e se consubstanciar com que lhe é íntimo.

(“Vírgulas”, *As Últimas Horas*, 2009, p. 45)

Por outro lado na visão de Rosana Cristina Zanellato dos Santos (2009, p. 7), “(...) as últimas horas anunciam também lembranças e presenças memoráveis que se corporificam nos poemas e que podem ser

salvas graças à tecnologia dos computadores”. Nesse caso, como num processo dialético, o tradicional se inova, modifica-se. O texto tradicional (papiros, pergaminhos e, com a invenção da imprensa, até mesmo o impresso) dá lugar agora, no mundo global/virtual, ao novo, isto é, ao hipertexto²⁷. No espaço virtual da Internet, o texto se apresenta como “um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias” (LÈVY, 2001, p. 35)

Na verdade, alguns de seus poemas aqui analisados compreendem um embate *continuum* entre o aqui e agora e o aqui e acolá do relacionamento de escritor com a máquina ou do escritor com os interlocutores virtuais, de modo que, “Às vezes, a hesitação é esta porta entreaberta” (“Inquietação”, *As Últimas Horas*, 2009, p. 16). Em sua inquietação entre o novo e o tradicional, isto é, há desencontros, incertezas, oscilações entre o tradicional e o novo que se apresentam, a internet e todos os seus mecanismos de interação e/ou de escrita que se apresentam, assim se expressa o poeta:

Mas *me* desencontro, *me* procuro e, às vezes, acho-*me*
Me decompouho, reescrevo-*me* e *me* jogo no lixo.
As vezes, calo-*me*, e grito-*me*, por dentro,
Outras vezes, resvalo-*me*, ouço-*me* e *me* desmereço

(p. 11, grifos nossos).

Percebe-se, portanto, nesse jogo da escrita, ora o poeta respeita seu aspecto formal da língua padronizada, a exemplo do uso do pronome oblíquo “*me*” que, às vezes, antecede o verbo (próclise), outras vezes, é posto após o verbo (mesóclise). Essa oscilação entre o tradicional e o novo é percebida na escrita do poema “Vírgulas”, pois ora respeita a norma gramatical, ora descumpra-a, desfigurando-a, apresentando-a livre, desimpedida de leis e normas, conforme se caracteriza o internetês. De fato, essa preocupação com a internet fora assunto de sua dissertação de mestrado, cujo título é de Kallarrari “A utilização da Internet no Ensino Superior” em 2003. Além de capítulos de livros e artigos cuja temática en-

²⁷ É o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links. Esses links ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, ícones gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda às informações que estendem ou complementam o texto principal.

volvía a internet, tais como: “A liberdade da escrita na/da Internet: características do dialeto internetês”, em 2005, “A Internet na era da comunicação virtual: o grande desafio para a educação para o novo milênio”, 2006 e “A Internet na sala de aula: por aulas interativas”, em 2008. Esse diálogo entre pesquisa e ensino, resultado de sua vida acadêmica, traz sem dúvidas para o campo literário da poesia, os dilemas da vida moderna.

Em o “Poema esquecido”, percebemos, de antemão, o embate entre a memória humana e a memória do computador que se apresenta, muitas vezes, como recurso imprescindível no processo de armazenamento do texto moderno. Nele, percebemos a resistência à nova técnica, isto é, à Internet, pois, o eu lírico não quer compartilhar seu texto com a máquina, de modo que, alguns enunciados tais como “linhas das minhas artérias” não tão perceptíveis, tornam-se análogos com a “rede” ou linhas espaciais do “espaço virtual” e elemento contrastante com a máquina. Nesse sentido, o poeta revela-se “individualista” quando não quer “cruzar [seu poema] com a máquina”, mas prefere que ele morra dentro de si:

Escrevi-o, nas linhas das minhas artérias
Para eu ler, ninguém mais.
Meus poemas são meus, são para mim,
São para minha própria satisfação.
Não era exibição
Era autêntico, puro, selvagem,
Era para mim, mas sem deixar de ser inspiração
Feriria algum leitor
Poema covarde, se perdeu em algum lugar dentro de mim.
[...]
Não quis cruzar com a minha técnica
Para ser anúncio num folhetim
Poema individualista, sem caricatura, lírico e egoísta
Morreu dentro de mim.

(Poema esquecido, p. 52).

Podemos também identificar essa preocupação do eu lírico em relação à liberdade da escrita no poema “Vírgulas” que se apresenta como questionamento e, em seguida, com sua ausência de pontuação, sobretudo vírgulas, desencadeia em uma afirmação: “A palavra e a imagem vão acabar com as histórias dos livros”; ou seja, torna-se difícil, no mundo globalizado, fugir aos encantos que a tecnologia nos oferece porque, de acordo com os novos tempos, até “O verbo quer ser arrancado das folhas, dos papiros que os aprisionam e os detêm” e, ainda, a palavra “não quer ser mais escrita, redigida, quer ter alma virtual e vontade própria, sair de

sua prisão [o livro, o folhetim, os papiros] libertar-se viver e se consubstanciar com quem lhe é íntimo” (p. 45, grifos nossos). Nesse sentido, segundo o poeta,

Para que as vírgulas
Para que os pontos
Eles não servem para nada
Põem-nos freios
Estacionam-nos
São nossa inquisição
Nossa inquietação

(“Vírgulas”, *As Últimas Horas*, 2009, p. 45)

Desse modo, por mais que tentemos validar as relações de afeto concebidas no ambiente virtual, principalmente por conta da facilidade em identificar perfis de interlocutores perfeitos, o ser humano jamais deixará de buscar por um amor correspondido. O amor, diferente dos relacionamentos virtuais, segundo a concepção do poeta, não se resume apenas no relacionamento pessoal de cunho amoroso, mas também no amor que dedicamos às coisas que fazem parte do nosso dia-a-dia, ou seja, do mundo “real”. Segundo Kallarrari, no poema “Minha avó”, há uma valorização ao texto oral ou escrito em detrimento à nova tecnologia, de modo que, até mesmo “As estórias que a gente lia da boca de minha avó [...] são recontadas de outra forma [...] de palavras multifacetadas do *Microsoft*”. E ainda, “Essas estórias virtuais, que saíram das veias cerebrais de minha pobre velhinha, caem nas veias compridas de um superespaço²⁸” (*As Últimas Horas*, 2009, p. 13).

Em relação ao relacionamento e a influência que os recursos tecnológicos podem causar ao ser humano, o poeta critica, através da voz da poesia que “Precisamos de Franciscos na ECO, na ONU e no G-7, pois a Internet trouxe a miséria, a fome e o desemprego a milhões” (p. 34). E, ainda, no poema “Rotina”, os *medias* (internet e televisão) podem até mesmo prejudicar nossos relacionamentos “reais” em contrapartida aos “virtuais”, sinônimo de “irreais” para o poeta:

A gente torce, odeia e ama o personagem
Só que a gente desgosta de quem ao nosso lado está [...]
Não importa se o produto é enlatado,

²⁸ Analogia ao termo ciberespaço e *hiperespaço*. O primeiro refere-se a todos os sites que você pode acessar eletronicamente. O segundo é também chamado de hipertexto. Trata-se de um conceito matemático e geométrico que se refere a espaços com mais de três dimensões. É usado na internet como n-dimensional onde estão os *links*, indicando (HEIDE; STILBORNE, 2000, p. 286)

Transgênico ou importado.
A gente come sem ler a bula do remédio.
Mas não importa.
A bula não mostra os efeitos colaterais
Se a dosagem é para criança ou para adulto.
O nome é mesmo de fantasia
E a gente ainda não sabe ler.
Todo dia é assim:
A gente só vê a realidade do mundo virtual
A gente só vê a notícia do telejornal

(“Rotina”, *As Últimas Horas*, 2009, p. 17-18)

Percebemos, portanto, o desprendimento do aqui e agora, uma vez que o texto não está presente no real do mundo atual, mas “virtualmente presente”, a partir de um hipertexto que ocupa “todos os pontos da rede ao qual está conectada a memória digital”. Segundo Lévy, “O hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados” (LÉVY, 2001, p. 20). Podemos perceber isso, tendo como referência os vocábulos janela (internet) e da voz (mensagem) do Papa mais conhecido do mundo que ecoa como a voz de Cristo ao mundo todo, graças aos recursos da nova tecnologia. Nos seguintes versos:

Da tua janela,
Da praça de São Pedro,
Uma voz ecoa para todo o mundo;
É a mesma voz de Cristo, a de João Paulo Segundo.

(João Paulo II, *As Últimas Horas*, 2009, p. 54).

No poema “Da tua janela”, há uma nítida impressão de que o tempo e o espaço se encurtaram, principalmente porque vivemos na imediatez do tempo e do espaço que se encurtaram. Todos, agora ao mesmo tempo, e em seus espaços particulares são capazes de conhecer e de ouvir João Paulo II, Papa mais conhecido no mundo graças a agilidade e praticidade que a internet proporcionou aos outros meios de comunicação. Dessa forma, o verbo “olhar” e o substantivo “janela” indicam respectivamente que todos podemos ver, isto é, olhar universalmente, a partir da *internet* (janela), veículo essencial no mundo pós-moderno. No poema abaixo “*Per Intra*”, percebemos que a resistência à internet (torre) por parte do poeta, agora é conquistada pela atração que esse recurso nos oferece, isto é, “voar no espaço virtual” e de lá (no alto da torre) poder ver o universo todo na liberdade infinda que o tempo-espaço virtual oferece, juntamente com pessoas (interação) que se conectam e interagem no mesmo espaço virtual. No poema abaixo, podemos identificar essa per-

cepção:

E do alto duma *torre*
Vê o universo todo
Se vê em outras almas
Que voam no espaço
E pretende também voar como elas
No voo infindo das coisas infindas

(“*Per Intra*”, *As Últimas Horas*, 2009, p. 47)

Este poema “*Per Intra*”, termo originário do latim “Por dentro”, demonstra que a resistência (luta interna do autor frente à nova tecnologia) ao novo é quebrada a partir do momento em que o eu lírico percebe-se vencido pela atração que esse universo oferece, pois, agora, o autor “Se vê em outras almas que voam no espaço” (p. 47), de modo que a Internet, para o poeta, apresenta-se como uma grande janela irresistível (Windows²⁹) que dá para o mundo.

Nesse sentido, “a virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia” (LÉVY, 2001, p. 23). Em contrapartida, por mais que se busque aproximar os ambientes virtuais da realidade, acreditamos que o prazer adquirido em momentos como esses estão longe de serem “copiados”. No fragmento do poema “O tempo urge” (2003, p. 103), o poeta nos incita a amar o desconhecido, o ignorante, as coisas pequenas e rotineiras do dia-a-dia, a fim de não corrermos o risco de nos “desconectar” totalmente das pessoas do mundo real e nos “conectar” (relacionar) apenas com as pessoas do mundo virtual/irreal. Na percepção do poeta, o “tempo urge”, isto é, não admite demoras, de longas, pois estamos na era da velocidade e tudo é líquido, passageiro, superficial, desconhecido para que não corramos o risco de, conforme expressa o poema “Desejei-te, ardentemente, e mutilei-me”:

(...) as vidas se tornam programadas,
Sem melodia.
Acaba-se o primeiro encontro.
E o tempo acaba tudo.
Acaba o descobrimento, seus mistérios e segredos.
Acabam-se os guardanapos e escritos.

²⁹ O Windows é um sistema operacional amigável (ambiente gráfico), onde toda comunicação com o usuário é feita através de janelas. É um sistema de multitarefas que possibilita trabalhar com vários programas abertos ao mesmo tempo.

Acaba-se a poesia.
Acaba-se o outro

(*As Últimas Horas*, 2009, p. 60)

A partir do momento que as pessoas começam a passar mais tempo conectados à rede, em salas de bate-papo, *Orkut*, *Twitter*, *Facebook* ou atualizando suas páginas na internet, elas correm o risco de conseguir algo que as satisfaçam apenas no tempo-espaço imediato da conexão/virtual e desconectar do mundo real (atual). Segundo uma pesquisa publicada no *site* Brasil Escola, as pessoas que têm sua vida pessoal, profissional e sentimental afetada pela permanência exagerada na internet são diagnosticadas como internet-dependentes. Ainda de acordo com essa mesma pesquisa, os viciados em internet podem desenvolver doenças como a Trombose Venal Profunda, que pode evoluir para uma Embolia pulmonar levando a pessoa à morte, devido ao longo período que passa diante dos computadores. Outro agravante segundo a pesquisa é o crescente número de casos de ciberadultério, quando internautas passam a estabelecer relações amorosas no ambiente virtual, o que é considerado por especialistas como um problema psíquico. Assim essas pessoas passam a ser consideradas ignorantes, isto é, corre-se o risco de tornarem-se “ignorantes” das coisas simples, do toque, do abraço, da presença real e verdadeira do humano, pois segundo o poeta, pode não sobrar “tempo” para valorizar e apreciar a beleza das gotas de orvalho, a chuva e a expectativa do amanhã.

Talvez esse seja o ponto crucial que devesse nortear as produções literárias nesse início de século XXI, por se tratar de algo tão em voga. Quando passamos a analisar o poema “Versos Íntimos” (2009, p. 57), percebemos que ele nos traz, logo no início, os inquietantes versos que tratam das múltiplas faces de um poeta que podem, facilmente, ser associadas às máscaras que usamos para fazer parte do ambiente virtual, ou seja, *nicknames*. Ainda nesse sentido, podemos inferir que a verdadeira intenção desses sites não é a de garantir um espaço onde as pessoas possam se divertir, mas sim contribuir para o aumento da crescente onda de isolamento das mesmas.

A verdadeira cara de um poeta
Esconde-se, confunde-se com as máscaras.
É fingida, é talentosa, escamoteia.
Inteligível aos olhos do leitor.

Um pouco mais adiante, neste mesmo poema, Kallarrari (2009, p. 57) nos lança o inquietante questionamento “Qual é porta da minha inti-

midade?”. A pergunta em si já nos convida a uma profunda reflexão acerca do nosso eu. Utilizando o sentido metafórico do vocábulo porta (internet), somos levados a questionarmo-nos se somos capazes de garantir o livre acesso consciente dessa porta. De fato, quando abrimos as portas (do ou para o) mundo virtual, busca-se por um relacionamento real no virtual. Isso não significa, entretanto, dizer que os relacionamentos virtuais não sejam reais ou vice-versa. O que o poeta denuncia é que, muitas vezes, a forma de relacionar, de interagir, de amar, característicos do mundo virtual da rapidez e imediatez, do *enter*, do *delete*, do conectar e desconectar pode influenciar nossos relacionamentos reais quando buscamos somente o que nos satisfaça e, conseqüentemente, nos agrade, com a vantagem de não se limitar a um tempo/espço demarcado, mas por paredes ou muros invisíveis do mundo virtual.

4. Considerações finais

Na análise sobre o espaço-tempo nas relações virtuais presentes nas *Últimas Horas*, de Celso Kallarrari, observamos, de modo especial, a fragilidade dos relacionamentos virtuais, no tocante às novas tecnologias à disposição do homem que não surgiram como intuito de privar o mesmo de se relacionar seus semelhantes, mas sim proporcionar interação com usuários de diferentes localidades, costumes, estilos etc.

De acordo com Sant’Anna (1998, faixa 2) “nada mudou em essência”, por mais que tentemos nos destacar e nos isolar, nós vivemos em sociedade, seja ela “real” ou “virtual”. Todavia, devemos nos esforçar para não deixar cair em desuso, costumes e hábitos salutares e prazerosos como o simples ato de “colocar cadeiras nas calçadas e conversar com nossos vizinhos”.

Segundo nossa análise, não devemos, portanto, deixar que o medo e a insegurança nos consumam, a ponto de tolher nossa liberdade, fazendo com que, conseqüentemente, percamos a confiança no nosso semelhante e passemos a preferir os relacionamentos virtuais aos reais, porque por mais que busquemos nos identificar como homens modernos, coisas simples, tais como o ato de admirar o céu estrelado, nada mais tem a provar que nossa essência humana de ainda contemplar as estrelas, apesar dos avanços e das cobertas da nossa ciência, não se dissipa com o passar do tempo.

Diante dos novos desafios que a vida moderna nos impõe, não

podemos permitir que a nossa essência se perca diante dessa profusão de relacionamentos virtuais, passando a valorizar e fortalecer cada vez mais as relações com as pessoas que estão a nossa volta, amigos e familiares, que nos versos de “Ontem e hoje”, Kallarrari (2003, p. 57) “Ontem, eu amava. Ontem, eu sorria. Ontem! Havia sorrisos, Existiam amigos”, não caíamos nas armadilhas escamoteadas pelos fios insensíveis da redes virtuais, e que saibamos utilizar as novas tecnologias, especialmente as que se remetem às que proporcionam interatividade com outros usuários, tornando-as ferramentas úteis para promover de fato uma interação entre indivíduos.

Em suma, é possível que adotemos uma postura madura no sentido de não se deixar seduzir apenas pelas facilidades que o ambiente virtual propicia, tornando um espaço onde a interação, possibilite a troca de informações, experiências e sentimentos sob o viés desta nova configuração textual. É preciso ainda compreender que o texto ganha novo sentido com o advento da internet, não está mais encarcerado nas páginas dos livros, ele flui intensamente e cheio de vida pelos cabos de fibras óticas, antenas e satélites espalhados ao redor do mundo, o que de certo modo reflete uma das indelévels marcas da sociedade contemporânea, a efemeridade das novas tecnologias, sobretudo às que se referem ao espaço-tempo virtual

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARRERO, Tânia. *Affonso Romano de Sant'Anna por Tânia Carrero*. Niterói: Luz da Cidade, 1998. [CD]

Ciberviciado, vício por internet. Disponível em:
<<http://www.brasilecola.com/informatica/ciberviciado.htm>>. Acesso em: 22-04-2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. *Guia do professor para a internet*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Odorico Mendes; Org.: Antônio Medina Rodrigues, Haroldo de Campos. São Paulo: EDUSP, 2000.

KALLARRARI, Celso. *As últimas horas*. Vila Velha: Opção, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Trad.: Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Trad.: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Wilbert; SILVA, Sécio de Souza. A Internet na sala de aulas: por aulas interativas. In: _____. *Leituras em educação 2*. São Mateus: Opção, 2008.

_____. A liberdade da escrita na/da Internet: características do dialeto internetês. *Revista Mosaicum*, Teixeira de Freitas, v. 1, n. 2, p. 103-105, 2005.

KALLARRARI, Celso. *A porta remendada*. Rio de Janeiro: Sotese, 2003.

_____. A Internet na era da comunicação virtual: o grande desafio para a educação para o novo milênio. In: _____. *Leituras em educação*. São Paulo: Scortecci, 2006.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.